

# Lobato e suas traduções de *Pollyanna* e *Pollyanna Grows Up*

Giovana Cordeiro Campos de Mello\*  
Priscilla Vieira de Biasi Cordeiro\*

## A tradução como movimento discursivo

Neste artigo, analisaremos *Pollyanna* e *Pollyanna Moça*, traduções das obras de Eleanor H. Porter realizadas por Monteiro Lobato em 1934. A pesquisa é delineada por conceitos dos Estudos da Tradução e pelo referencial teórico-metodológico da Análise do Discurso francesa – AD. Os Estudos da Tradução surgem a partir de uma visão da tradução como um complexo processo sócio-histórico e político-ideológico. Venuti (2002), por exemplo, defende ter a tradução o enorme poder de formar identidades culturais, podendo funcionar como elemento de resistência ou de manutenção do status quo de acordo com as estratégias de tradução escolhidas pelo tradutor. A resistência é proposta pelo estudioso em referência à estratégia da *estrangeirização*, por meio da qual o tradutor opta por manter o diálogo intercultural entre as culturas de partida e de chegada, evidenciando a procedência estrangeira do texto. A domesticação, por sua vez, consiste na redução do texto estrangeiro em favor dos valores culturais da língua de chegada. Em nossas análises, usamos os conceitos de domesticação e estrangeirização, mas para resistência e assimilação adotamos a reelaboração desenvolvida por Mello (2010) a partir da AD francesa de Michel Pêcheux ([1975] 1988). Assim, resistência e assimilação são entendidos como processos discursivos (des)conhecidos do sujeito que traduz.

O termo *resistência* para se referir à prática tradutória de Monteiro Lobato foi usado em trabalhos anteriores: na dissertação de mestrado *For Whom the Bell Tolls, de Ernest Hemingway e suas traduções no contexto brasileiro*

---

\* Universidade Federal Fluminense/ Labestrad.

\* Universidade Federal Fluminense/ FAPERJ.

(Campos, 2004); na tese de doutorado *Assimilação e Resistência sob uma Perspectiva Discursiva: o caso de Monteiro Lobato* (Mello, 2010); e em trabalhos como “The Resistant Political Translations of Monteiro Lobato” (2006) e “The Resistant Translations of Monteiro Lobato” (2010), ambos de John Milton. Nosso trabalho se orienta pela proposta de Mello (2010) que, a partir da AD, procura analisar como o sujeito-tradutor atua discursivamente a partir das marcas materiais dos movimentos do sujeito na forma tanto da *resistência* – entendida como instauração e fortalecimento de discursos dissidentes – como da *assimilação* – percebida como repetição de discursos instituídos –, trazendo à tona posições ideológicas que podem chegar a ser contrárias ao que o sujeito supõe defender conscientemente.

A AD propõe a categoria de discurso como efeito de sentidos entre interlocutores. Resumidamente, a AD entende que a ideologia constitui o discurso e o sujeito, sendo que as circunstâncias da enunciação e o contexto sócio-histórico e político-ideológico materializam-se na língua, sem que o sujeito tenha acesso direto a esse funcionamento e nem controle absoluto sobre o dizer:

É a ideologia que fornece as evidências pelas quais ‘todo mundo sabe’ o que é um soldado, um operário, um patrão [...], evidências que fazem com que uma palavra ou enunciado ‘queiram dizer o que realmente dizem’ e que mascarem, assim, sob a ‘transparência da linguagem’, aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados. (Pêcheux, [1975]1988, p.160).

As palavras somente têm sentido pela interpelação ideológica, por meio da qual o sujeito está assujeitado à ideologia a partir das formações ideológicas – FIs – e de suas respectivas formações discursivas – FDs. As FIs são entendidas como uma gama complexa de atitudes, valores, representações etc. que se relacionam com as posições de classe, as quais, pelo materialismo histórico, sabemos serem conflitantes. As FDs representam a manifestação das FIs em uma situação de enunciação; ou seja, para Pêcheux ([1975] 1988), a FD é a matriz de sentido que regula o que pode e deve ser dito (e o que não pode e não deve ser dito, já que a FD comporta a contradição). As palavras e expressões têm sentido a partir das posições de sujeito

tomadas no espaço das FDs e, portanto, em referência às FIs nas quais se inscrevem essas posições (Orlandi, 2013). Nesse movimento de tomada de posição, o processo de sujeição é apagado aos olhos do sujeito, que pensa ser a origem de seu dizer. Esse (des)conhecimento tem a ver também com o funcionamento do inconsciente como estrutura, que irrompe no discurso e, se percebido, causa surpresa.

O processo de interpelação comporta falhas, o que abre espaço para a singularidade e para que todo enunciado possa ser outro, não podendo ser qualquer um, já que há tomada de posição em um complexo de FDs. A tomada de posição tem lugar pelo movimento de identificação (ou não) do sujeito com a posição-sujeito dominante (forma-sujeito) que organiza os dizeres da FD na forma do interdiscurso (memória discursiva). O interdiscurso compreende o já-dito do discurso, o repetível, que “fala” no sujeito sem que ele se dê conta. Pêcheux propõe três modalidades de tomada de posição: a *identificação*, a *contraidentificação* e a *desidentificação*.

Mello (2010, p.88) propõe a *assimilação* em referência ao processo de *identificação*, na figura do “bom sujeito” (Pêcheux, [1975] 1988, p. 215), quando há repetição de discursos já instituídos pela sobreposição do sujeito do discurso com a posição-sujeito dominante da FD que o domina. Já a *resistência* é entendida em relação aos movimentos discursivos de *contraidentificação* e *desidentificação*. A *contraidentificação* refere-se ao que Pêcheux chamou de “mau sujeito” – movimento em que o sujeito do discurso se identifica com uma posição dissidente da posição-sujeito da FD que o domina, mas não há alteração na maneira que a forma-sujeito organiza a FD. A *desidentificação*, por sua vez, ocorre quando a *contraidentificação* do sujeito do discurso tem força para alterar a maneira como a forma-sujeito da FD a organiza, isto é, “o sujeito do discurso desidentifica-se de uma FD e sua forma-sujeito para deslocar sua identificação para outra FD e sua respectiva forma-sujeito” (Indursky, 2007, p. 170). *Resistência* e *assimilação* neste trabalho, portanto, referem-se à luta ou aceitação (des)conhecidas pelo sujeito ao se constituir como tal no processo discursivo da tradução.

### ***Pollyanna e a Nova Biblioteca das Moças***

*Pollyanna*, de Eleanor H. Porter, foi publicado como livro em 1913, tendo enorme sucesso, dentro e fora dos Estados Unidos, o que gerou continuações. Há mais de um século *Pollyanna* vem ensinando o “jogo do contente” a diversas gerações, tendo se tornado um referente cultural. O livro tem como tema uma órfã de nove anos que tenta sobrepor os percalços da vida a partir de um pensamento positivo constante. Para isso, a protagonista se vale do “jogo do contente”, brincadeira que consiste em encontrar o lado bom de qualquer situação. O jogo surge como artifício do pai para que *Pollyanna* fosse feliz, apesar da perda da mãe e das dificuldades. A menina tenta ensinar o jogo a todos de Beldingsville, onde passa a morar com a tia após a morte do pai. Nos últimos capítulos, ela sofre um acidente e corre o risco de jamais andar novamente. Nesse momento, sua Tia Polly, antes sisuda, aprende finalmente o jogo do contente e, no fim, não apenas a menina se restabelece, mas também o romance anteriormente interrompido da tia com o Dr. Chilton.

O livro seguinte, *Pollyanna Grows Up* (1915), aborda a vida da protagonista dos treze aos vinte anos. A narrativa é dividida em duas partes: na primeira, *Pollyanna* viaja a Boston para visitar a triste Sra. Carew, que procura pelo sobrinho, o qual vem a ser Jimmy Bean, órfão e amigo de *Pollyanna* no primeiro livro; na segunda parte, a menina deve novamente ajudar Tia Polly, que perde o marido e sua boa condição financeira.

A personagem *Pollyanna* é comumente tomada como símbolo de idealização, a ponto de o nome próprio funcionar também como adjetivo (e de forma dicionarizada), representando uma pessoa exageradamente otimista. Críticas recentes, porém, sustentam que *Pollyanna* não representa simplesmente um estereótipo de otimismo irreal, pois a história apresenta uma dupla face: a menina/moça olha sempre para o lado bom dos fatos, mas o leitor também é conscientizado de que coisas ruins acontecem. Kokkola e Harde (2014), a partir de cartas de Porter, discutem que a autora pretendia criar uma combinação de alegria e resiliência (p. 5). Robinson (2014) e Mills (1999) sugerem haver grande ambiguidade na construção da protagonista. Para Mills, *Pollyanna* é tanto uma vítima quanto uma hábil manipuladora, disfarçada de uma adorável e inocente criança. Além disso, sustenta que a menina rompe com a autoridade de figuras patriarcais (Mills

apud Robinson 2014, p. 47). Robinson (2014, p. 49) salienta que, embora a construção do primeiro livro conduza ao reencontro de Tia Polly com o Dr. Chilton, endossando um desfecho ideológico significativo, ainda assim são apresentadas fraturas no modelo tradicional de família: há solteiros de corações partidos, viúvas e as famílias tradicionais existentes não são particularmente felizes.

Assim, ainda que prevaleçam as leituras da idealização em *Pollyanna*, outras questões são suscitadas pela obra. Vemos por parte da protagonista ações e posturas não condizentes com o que se esperaria de uma menina no início do século XX: dormir do lado de fora da casa (capítulo 7), insistência em conversar com estranhos – incluindo adultos do sexo masculino (capítulo 9), passear sozinha (capítulo 13), atrasar-se e não se importar com isso ainda que já advertida a não fazê-lo (capítulo 9), para citar alguns. Nossa investigação dos movimentos de Lobato na e pela língua se pauta por essa forma de ler a obra.

A *Biblioteca das Moças* é uma coleção de aproximadamente 176 volumes, especializada em literatura para meninas e jovens mulheres, e publicada no Brasil entre 1920 e 1960. A partir da década de 1930, quando a Companhia Editora Nacional – C.E.N. era comandada por Lobato, a coleção recebeu o acréscimo do adjetivo “nova”, mas continuou a publicar os títulos anteriores. Os livros geralmente possuíam enredos com uma estrutura bem definida: um herói nobre e rico e uma heroína plebeia e pobre, perfazendo uma trama complexa que finalizava com o casamento feliz. O casamento, então, seria a principal meta da mulher, e todos os romances terminavam com o encontro do herói com a “mocinha” (Kirchner, 2013, p. 3). A partir da própria escolha das obras a serem traduzidas já é possível percebermos um movimento de filiação (e, portanto, assimilação) a discursos hegemônicos que sustentam o papel principal da mulher na sociedade brasileira como sendo o de esposa, com a circulação de sentidos que remetem à busca pela ascensão social através do enlace matrimonial. Pela AD, sabemos que os dizeres (e fazeres) não se originam no exercício da vontade, mas nos chegam (e nos constituem) por nossas identificações (ou não) com discursos em circulação a partir da interpelação ideológica. Lobato era seu próprio editor e detinha poder de decisão na C.E.N.. Ao retomar a coleção,

Lobato filia-se a uma formação discursiva capitalista (a FD dominante) e, pelo funcionamento do “bom sujeito” (identificação do sujeito com a forma-sujeito dominante: a capitalista), o editor procura agradar aos consumidores das traduções, apresentando-lhes, por meio de uma postura conservadora, algo que estaria em consonância com os valores e expectativas domésticos. O sujeito tradutor também identifica-se na forma do bom sujeito a uma FD sobre a mulher cujos dizeres regulam o que pode e deve ser destinado a meninas e moças para formação de seu caráter dentro dos padrões da época. A questão que pode ser suscitada é: teria o revolucionário Lobato adotado para o público feminino uma postura conservadora também no fio do discurso da tradução?

### **Movimentos lobatianos na/pela língua**

Monteiro Lobato (1882-1948) foi um importante intelectual, jornalista, escritor, editor e tradutor brasileiro, cujas produções eram pautadas por um projeto nacionalista de Brasil, que visava à construção de um país econômica e culturalmente independente. Segundo Lobato, isso somente poderia acontecer a partir de uma mudança da mentalidade local, o que envolveria tanto a produção de literatura nacional quanto a tradução de literatura estrangeira (e para além do contexto francês, o modelo cultural de sua época). Ele não apenas corria o Brasil proferindo conferências em prol da luta pelo petróleo e siderurgia, mas também fazia presentes em sua literatura e traduções as mazelas brasileiras. Na tradução de *Peter Pan*, obra apresentada como adaptação em 1930 (ver Milton, 2006 e 2010), Lobato reescreve o texto, e, nessa outra roupagem, Dona Benta é a narradora. Por meio da personagem, Lobato faz comparações que salientam a grande diferença entre a realidade das crianças brasileiras e a das inglesas. Em uma das passagens, quando perguntada por Emília se na Inglaterra havia “boi de chuchu”<sup>1</sup>, Dona Benta responde: “— Talvez não tenha, [porque] é brinquedo de meninos da roça e Londres é uma grande cidade [...] As crianças inglesas [...] têm os brinquedos que querem.” (Barrie, 1930, p. 152). A crítica à condição

<sup>1</sup> Brinquedo feito com legumes espetados com palitos de madeira para reproduzir a figura de animais. Era muito usado no interior do Brasil e Pedrinho, personagem de Lobato, também costumava fazê-los e brincar com eles (ver *Caçadas de Pedrinho*).

inferior das crianças brasileiras frente à riqueza das inglesas é de Lobato, não de Barrie. Esses movimentos, em que há uma intervenção direta de Lobato no texto, são também nosso objeto de pesquisa.

Como editor-tradutor<sup>2</sup>, Lobato foi fundamental na política tradutória do Brasil, tendo sido responsável pela circulação de diversos títulos estrangeiros em português, principalmente advindos de contextos de língua inglesa. Na década de 1930, a influência cultural era europeia, predominantemente francesa, e por acreditar que o leitor brasileiro precisava se desgarrar dessa dominação cultural, Lobato proporcionou-lhe o contato com grandes nomes da literatura mundial, como Kipling, Staden, London, Dafoe, Andersen e Hemingway, para citar alguns.

Ao mesmo tempo, o editor-tradutor buscou valorizar o nacional, em um momento em que a sociedade brasileira copiava os modelos europeus, incluindo o modo de falar francês. Lobato nutria ainda grande admiração pelo contexto estadunidense, e a experiência como adido comercial nos Estados Unidos entre 1927 e 1931 aumentou seu interesse pela literatura daquele país. Lobato não se conformava com os graves problemas do Brasil e sustentava opiniões muitas vezes divergentes em relação a assuntos delicados, as quais perpassaram seus escritos. Insistia, por exemplo, na exploração do petróleo no Brasil, enquanto o discurso do Estado Novo de Vargas, baseado em relatórios de especialistas estrangeiros, indicava sua inexistência. A década de 1930 foi especialmente significativa, pois representou a fase em que Lobato mais atuou na causa do petróleo e da mineração. Na obra não ficcional *O Escândalo do Petróleo* (1936), Lobato denunciou a burocracia federal, a ação das empresas estrangeiras e a submissão da elite brasileira aos interesses estrangeiros. Meses depois de seu lançamento, a obra foi proibida pelo governo, vindo a ser liberada somente em 1945, com o fim da ditadura Vargas. A batalha de Lobato também era travada na ficção. Em 1937, escreveu *O Poço do Visconde*, cuja primeira edição trazia o subtítulo “Geologia para Crianças”. O didatismo lobatiano se fazia presen-

---

<sup>2</sup> Usamos editor-tradutor, com o termo “editor” na frente, para marcar a questão de Lobato ser seu próprio patrocinador. Como abordado em outros trabalhos (Campos, 2004; Mello, 2010), Lobato determinava a forma como os textos seriam traduzidos em suas editoras. No caso da C.E.N., mesmo quando vendeu suas ações para o sócio, Octalles Marcondes Ferreira, era Lobato quem decidia quem seria publicado e como, o que incluía as traduções.

te: o subtítulo suscita o objetivo da obra – ensinar aos jovens, de forma lúdica, que havia petróleo no Brasil: “E então aconteceu um fato espantoso. O Brasil, que não tinha Petróleo, que estava *oficialmente proibido de ter petróleo*, passou a ser o maior produtor de petróleo do mundo” (Lobato, 1937, p. 160, grifos nossos). As sequências discursivas grifadas materializam um movimento de resistência de Lobato, ou seja, uma contraidentificação do sujeito com a forma-sujeito de uma FD discursiva sobre o petróleo no Brasil que impedia a circulação de sentidos favoráveis à sua exploração. O tradutor também se faz presente, uma vez que a obra ficcional em questão pode ser considerada uma tradução intralingual da obra adulta e não ficcional *O Escândalo do Petróleo* (1936) para o público infanto-juvenil<sup>3</sup>.

Com relação à forma como a mulher é discursivizada, também são encontradas posições discursivas divergentes ao pensamento hegemônico nos dizeres de Lobato. Há enunciações em que ele deixa entrever algum tipo de igualdade entre os gêneros feminino e masculino. Em carta de 1928 ao cunhado Heitor, Lobato defende uma espécie de teste antes do casamento, por meio do qual o casal, com o consentimento das famílias, poderia ter experiências sexuais sem um casamento formal. Se não desse certo, ambos, e não somente o homem, poderiam retornar às respectivas famílias, cada um para o seu lado (Mello, 2010, p.188). No que tange à valorização da mulher, citamos a construção da boneca Emília, que representa a inteligência e autonomia dadas a personagens femininas (cabe lembrar que Emília divorcia-se de Rabicó quando o Estado brasileiro ainda estava longe de legitimar tal prática). Emília era tão assertiva e contestadora que Lobato afirmava “Tão independente que nem eu, seu pai, consigo dominá-la [...] Cada vez mais, Emília é o que quer ser, e não o que eu quero que ela seja” (Lobato, 1955, p.341-342).

Um movimento de resistência interessante encontra-se em sua tradução de *For Whom the Bell Tolls* (1940), de Ernest Hemingway, publicada em 1941 e realizada na época em que Lobato estava preso. Há uma cena de sexo entre os protagonistas – Jordan e Maria – e o tradutor resume a cena e usa uma linha de pontos. Em um primeiro momento, podemos interpretar

<sup>3</sup> Análise proposta por Maria Clara Castellões de Oliveira, então professora da UFJF, em conversas com Mello em 2003.

que Lobato realizou uma autocensura, por considerar a cena forte demais para o público-leitor brasileiro (Campos, 2004, p. 160). No entanto, ao considerarmos que o tradutor estava encarcerado e acompanhara o resultado das torturas infligidas a outros presos, torna-se altamente significativa a postura do tradutor ao não eliminar toda a cena: “tomamos os pontos usados pelo tradutor como materialidade do silenciamento – há a presença da ausência – em uma rebeldia do sujeito frente ao silenciamento imposto por um discurso conservador hegemônico” (Mello, 2010, p. 191). Essa “presença da ausência” e, com isso, a resistência, é reforçada pelo uso da palavra “nus” no parágrafo seguinte: “o silêncio é marcado pela materialidade dos pontos que, em conjunto com a nudez das personagens, materializam na interpretação do leitor da tradução a cena sexual [supostamente] omitida” (*ibidem*).

A partir do exposto, temos um sujeito ao mesmo tempo conservador e contestador e, em consonância com a AD, percebemos como a constituição do sujeito se dá na e pelas tensões, a partir de diferentes (e até contraditórias) tomadas de posição no complexo das FDs.

A partir dos conceitos de Venuti, observamos que a postura tradutória de Lobato pode ser vista como domesticadora em relação à forma – ele abasileirava os textos, reescrevendo-os com seu próprio estilo – e estrangeirizadora no que tange aos temas – mantendo os conflitos e cenários estrangeiros (Campos, 2004, p.173).

Em termos discursivos, a forma lobatiana de traduzir é tanto de assimilação quanto de resistência. Percebemos a identificação do tradutor a uma FD sobre a tradução no Brasil cujos saberes envolviam o modo francês de traduzir – o das *belles infidèles* (uma tradição da tradução no Brasil). Cabe lembrar que, conscientemente, Lobato pretendia lutar contra os modelos franceses. Por outro lado, considerando a FD sobre literatura no Brasil, entendemos que Lobato operava a resistência ao traduzir temas diferentes e mantê-los nas obras, sobretudo aqueles advindos do contexto estadunidense, ou seja, Lobato contraidentificava-se com a forma-sujeito dominante e seus dizeres, que preconizavam a forma literária europeia como modelo de literatura a ser seguido.

Lobato acreditava que traduzir era ouvir uma história e recontá-la com palavras próprias, por isso ele remodelava e alterava os textos aplicando seu próprio estilo, efetuava cortes, abasileirava a linguagem e incluía seus “desabafos” – trechos em que Lobato inseria e registrava de algum modo sua opinião sobre as questões políticas do Brasil (Mendes, 2002; Mello, 2010).

Tendo em vista sua postura ao traduzir, Lobato se portava como autor do texto, vendo no texto traduzido a oportunidade de expor seus próprios pensamentos e críticas sobre as questões do Brasil, na tentativa de promover algum tipo de deslocamento ideológico. Um exemplo é que Lobato defendia haver em circulação um falar já brasileiro, não mais português. Em sua busca por uma mudança radical de mentalidade, suas obras como escritor e tradutor representavam um espaço de luta ideológica: “Estou também traduzindo a ‘História da Bíblia’, do Van Loon. Minha esperança é que com a publicação deste livro uns dez mil leitores fiquem de miolos transtornados” (Lobato, 1955, p. 51). A questão que desejamos suscitar é que, se conscientemente o sujeito busca a forma da luta, discursivamente se constitui pela tensão; ou seja, em termos discursivos, há resistência, mas também assimilação.

### **Movimentos tradutórios de Lobato em *Pollyanna* e *Pollyanna Moça*: o fio do discurso**

Passemos a alguns exemplos do cotejo das obras. Para melhor distinção entre as obras, usaremos: “PGU” em referência a *Pollyanna Grows Up*, “PM” para *Pollyanna Moça*, “PP” para o livro *Pollyanna* de Porter e PL para a tradução de mesmo título feita por Monteiro Lobato.

#### *Estrangeirização e Didatismo*

Tanto *Pollyanna* (1913) quanto *Pollyanna Grows Up* (1915) foram traduzidos por Lobato em 1934. O primeiro foi intitulado *Pollyanna* e o segundo *Pollyanna Moça*. Observamos que Lobato manteve a designação da personagem na escrita inglesa. O nome foi cunhado por Porter pela junção dos nomes de suas tias (“Polly” + “Anna”) e, a partir do sucesso da obra, entrou

no rol de nomes da língua inglesa. Lobato, em uma postura estrangeirizadora, manteve a diferença ao não abrigar a escrita (não substituiu o “y” por “i” e deixou o “n” duplo).

Observamos nas duas obras vários momentos em que Lobato procurou produzir algum ganho de conhecimento, ampliando o vocabulário das leitoras dentro da própria língua da tradução ou introduzindo termos de línguas estrangeiras. Segundo Milton (2006; 2010), Lobato tinha como característica promover o enriquecimento de vocabulário por meio de suas adaptações. Em *Peter Pan*, por exemplo, Dona Benta explica o significado de palavras como “pigmento”, “cinegética”, “excêntrico” e apresenta a etimologia do nome do navio do Capitão Gancho (Milton, 2006, p. 217).

Em *Pollyanna* e *Pollyanna Moça*, chamou-nos a atenção o modo como o tradutor estrangeiriza mesmo quando há termos correspondentes em português. Vemos nessa postura uma tentativa de marcar a origem anglofona do texto e ainda uma forma de didatismo, uma vez que o tradutor parece ter como objetivo ensinar inglês às leitoras. Um exemplo é “Sometimes it's just the 'Thank you' she gives when somebody insists on givin' us their seat...” (PGU, 78, itálico nosso) que Lobato traduziu como “Às vezes é o simples ‘Thank you!’ que ela dá a quem lhe cede o lugar...” (PM, p. 74, itálico nosso). A expressão poderia ser facilmente traduzida por “obrigado”. O tradutor não apenas marca o texto (e as personagens) como estrangeiras, mas também ensina às meninas e moças brasileiras que a forma de agradecer em inglês é “Thank you”. Do mesmo modo, são usados nas traduções termos como “Gee”, “Okey”, “break-down”, “drug-store” e a citação de um livro por Jimmy Bean é deixada em inglês, seguida de uma tradução entre parênteses (PL, p. 84). O recurso do didatismo, inclusive no que se refere a termos estrangeiros, está presente também nas obras de Lobato como escritor<sup>4</sup>.

Em outras passagens, notamos um movimento que vai além da manutenção de termos em língua inglesa: há o acréscimo de palavras e expres-

<sup>4</sup> No já citado *Poço do Visconde*, de 1937, há um grande número de termos em inglês. No caso dessa obra em particular, percebemos que o autor, por meio de suas personagens, estaria ensinando o funcionamento das máquinas para exploração do petróleo, sendo que os termos tecnológicos eram usados em inglês (como ainda acontece atualmente no que tange à tecnologia em geral).

sões em inglês que não se encontram no texto de partida. Lobato traduz “An’ the elevator ain’t running ter-day...” (PGU, p. 106) incluindo uma explicação do que está posto anteriormente, só que em inglês: “O elevador não está trabalhando<sup>5</sup> hoje – está ‘out of order’!” (PM, p.97, itálico nosso). Novamente, a intervenção do tradutor ocorre no sentido de ensinar: para referir-se a um elevador sem funcionar diz-se em inglês que ele está “out of order”. Outro exemplo é “She’s sent Timothy down ter Cobb’s greenhouse three times for fresh flowers” (PP, p. 196), que é traduzido por “Ao Timóteo mandou à ‘farm’ dos Bobb<sup>6</sup> já três vezes em busca de flores.” (PL, p.209, itálico nosso). É preciso ter em mente que na década de 1930 “a visão de mundo do brasileiro [era] uma resultante da influência da língua portuguesa e, através dessa, da língua francesa” (Mendes, 2002). Os exemplos demonstram não apenas a admiração de Lobato pela língua inglesa (e pelos E.U.A.), mas também seu movimento de resistência à hegemonia da língua francesa como língua de cultura. Em sua postura didática, Lobato chega a acrescentar um termo italiano, traduzindo “thank you” (PGU, p. 175) por “grazzie” (PM, p.151). Vale ressaltar que, na história, Pollyanna havia passado uma temporada em Roma, na Itália, o que faz com que esta intervenção/acréscimo tenha relação com o texto de partida. No entanto, permanece como recurso de ensinar, dessa vez, italiano.

Em várias cartas, Lobato expressa sua insatisfação com a posição hegemônica do francês na cultura, literatura e língua brasileiras: “com os pés na grade da sacada injeto-me de inglês, do pensamento inglês, de política inglesa [...] o francês anda a me engulhar todas as tripas” (Lobato, 1955: 225-226). No entanto, por meio da AD, sabemos que o dizer não tem origem na vontade do sujeito e que a contradição está presente no sujeito e no discurso. O sujeito tradutor, ainda que quisesse lutar contra a influência francesa, pelo funcionamento da memória discursiva que o constitui (e, portanto, pela filiação a discursos contra os quais pretendia conscientemente se contrapor), acaba por usar termos em francês, em um processo de assimilação, e não de resistência. Na tradução lobatiana, termos como “porte-cochere” (PP, p. 104) e “liveried pomposities” (PGU, p. 105) aparecem como “porte-cochère” e “grooms de libré” (PM, p. 97). Pode ser ale-

<sup>5</sup> Percebemos que Lobato se utilizou de uma tradução literal – “trabalhando” – estratégia duramente criticada por ele como sendo uma “horível transposição” (ver Mello, 2010).

<sup>6</sup> Há também um erro de datilografia: “Cobb” vira “Bobb”.

gado que, pela importação do francês, os dois termos fazem parte da cultura brasileira. No entanto, uma postura de resistência, tal qual explicitada por Lobato em suas cartas, seria a de não usar termos franceses, seja pela proposta de uma descrição ou pela substituição dos mesmos termos por algo correspondente na “língua da terra” (Lobato, 1955, p. 276)<sup>7</sup>.

Nas obras analisadas, o didatismo também opera na forma de uma tradução intralingual, ou seja, o tradutor procura apresentar às leitoras (público feminino) palavras novas no próprio português, como forma de ampliar o vocabulário das leitoras. Em um diálogo entre Pollyanna e Nancy, a palavra ‘*skeleton*’ aparece apenas uma vez, sendo retomada pelo pronome ‘*it*’: “Some says he’s crazy, and some jest cross; and some says he’s got a *skeleton* in his closet. ‘Oh, Nancy!’ shuddered Pollyanna. ‘How can he keep such a dreadful thing? I should think he’d throw *it* away!’” (PP, p. 56, itálicos nossos). Na tradução, um sinônimo em português é acrescentado e marcado com aspas, na indicação de ser uma palavra menos usual e, portanto, possivelmente nova para o vocabulário das leitoras: “Muita gente diz que é maluco; outros dizem que tem um ‘*escalete*’ no armário. - Oh, Nancy! Protestou a menina com um arrepio. Como poderia ter tal coisa em casa? Com certeza já jogou o esqueleto fora.” (PL, p. 77, itálico nosso). Lobato usa o termo considerado estranho, marca a diferença com aspas (note-se que elas não existem no texto de partida) e, mais adiante, traduz o termo dentro da própria língua portuguesa, usando uma palavra mais corrente “esqueleto” no lugar que seria de um pronome – “*it*”.

#### *Domesticação e remodelação*

Lobato é conhecido por resumir, cortar e modificar os textos que traduz. No cotejo das obras, corroboramos a postura domesticadora quanto à forma, pois ele “abrasileira” a linguagem, efetua a “poda de foice” (Lobato, 1955, p. 60) e remodela o texto pelo uso de seu próprio estilo, privilegiando a língua de chegada e facilitando o acesso do público infanto-juvenil doméstico. Um dos recursos é o uso recorrente do diminutivo afetivo. Na passagem “Listen ter that, will ye? Ain’t that the real thing, now? Just you

<sup>7</sup> Acrescentamos que as cartas de Lobato estão repletas do uso de termos franceses (ver Mello, 2010).

wait while I introDOOCE ye!" (PGU, p. 81), que é traduzida por “– Está vendo? Uma companheirinha das boas. Vou apresentá-los...” (PM, p.77, itálico nosso), Lobato domestica, traduzindo o trecho com foco no público receptor e optando por uma expressão que poderia ser facilmente entendida no universo infantil. A nosso ver, ele tenta reconstruir o que acredita ser um diálogo entre duas crianças brasileiras, o que também é demonstrado pelo acréscimo de “das boas”, uma marca de expressão usada na oralidade. O acréscimo do diminutivo é recorrente. Para “Pollyanna skipped gleefully” (PP, p. 27) e “We’ve played it always, ever since I was a little, little girl...” (PP, p. 28), Lobato remodela para “Pollyanna saltou para o chão, com agilidade duma veadinha” (PL, p. 39, itálico nosso) e “Em casa brincávamos disso, desde que eu era assimzinha.” (PL, p. 40, itálico nosso), respectivamente. Lobato se vale de seu próprio estilo, usando termos da cultura receptora. Do mesmo modo, em vez do nome “Pollyanna”, surge o termo “diabrete”: “Pollyanna was still revolving round and round her aunt” (PP, p. 127) é traduzido por “O diabrete continuava a voltear-lhe em redor.” (PL, p. 135, itálico nosso).

Lobato, então, apresenta às leitoras traços de oralidade e coloquialidade e, com isso, de brasilidade. Os movimentos tradutórios também operam no sentido de privilegiar seu próprio estilo – o uso de superlativos, diminutivos, expressões regionais, interjeições, inversões de termos nas orações – o que também representava uma forma de facilitar o entendimento por parte do público infantil. Esse movimento está em consonância com sua proposta da tradução como um processo de remodelação, em que o tradutor ouve e reconta uma história com palavras próprias.

#### *A questão do feminino*

Por meio de cartas, prefácios, traduções, e mesmo a partir de personagens, como a já citada boneca Emília, percebemos na escrita de Lobato uma postura por vezes contrária aos discursos hegemônicos sobre as mulheres. Ao mesmo tempo, porém, sua editora lança uma coleção destinada a meninas e moças cujo tema recorrente é o percurso até o casamento. Há, portanto,

tensões nos processos de assujeitamento do sujeito, as quais se materializam no discurso.

Como exemplo de assimilação do sujeito-tradutor, encontramos momentos em que Lobato se identifica com discursos que exigem da mulher uma postura mais de acordo com as regras vigentes sobre a moral e os bons costumes, em um movimento de assimilação/identificação com discursos dominantes em sua época. No fragmento “Pollyanna learned many things during the next half-hour. She learned that *nice little girls* do not take long walks alone in unfamiliar cities, nor sit on park benches and talk to strangers.” (PGU, p. 74, itálicos nossos), observamos que a advertência da tia a Pollyanna parece ser uma exortação em relação aos perigos que uma criança pode correr nas ruas, ainda que faça também circular, de forma sutil, sentidos ligados a instruções comportamentais relativas ao gênero feminino. Na tradução lobatiana, temos: “Pollyanna ouviu um longo sermão e aprendeu muitas coisas. Aprendeu que as *meninas decentes* não fazem passeios sozinhas por uma cidade desconhecida, nem se sentam em bancos dos parques para conversar com estranhos.” (PM, p. 72, itálicos nossos). O tradutor usa um tom marcadamente mais conservador e mais explícito de teor moral ao usar o adjetivo “decentes”. A expressão “*nice little girls*” poderia ter sido traduzida por “meninas boazinhas” ou “mocinhas boazinhas”, expressões amplamente usadas no contexto brasileiro. Como nos mostra AD, a escolha lexical não é aleatória, mas ideologicamente motivada: “decentes” surge no fio do discurso a partir de um movimento discursivo – o da filiação do sujeito-tradutor a uma FD sobre a moral e bons costumes referente às mulheres no Brasil, cujo interdiscurso funciona de modo a definir (e prescrever) explicitamente o caráter de uma mulher a partir da forma como ela deve se portar frente à sociedade. De acordo com o dicionário Houaiss, os sentidos para “decente” têm ligação com dignidade e decoro. Se no contexto de partida a expressão “*nice little girls*” pode se referir às crianças em geral (poderia ser usado “*nice little boys*”, por exemplo), na tradução o sentido é marcado em relação ao que as meninas, e não as crianças em geral, são permitidas (ou não) a fazerem dentro de uma moral estabelecida para as mulheres. Além disso, no contexto brasileiro também é possível encontrar o uso da expressão “meninos bonzinhos” em referência

à obediência a determinadas regras; já “meninos decentes”, por outro lado, não encontra usos tão naturalizados (e comuns) quanto “meninas decentes”. Outro exemplo da filiação do sujeito-tradutor a discursos conservadores está em “See here, why don't you find *some one* your own age to talk to?” (PP, p.70, itálicos nossos). Lobato restringe a opção da menina, que deveria conversar com alguém não só de sua idade, mas também do sexo feminino: “Escute, por que não procura *uma menina* da sua idade para conversar?” (PL, p. 56, itálico nosso).

Um exemplo interessante foi observado na passagem em que um enfermeiro entra em cena para cuidar de Pollyanna após um acidente. No texto de Porter é usado o substantivo “nurse”, que não carrega marcas de gênero em inglês, mas que é tomado pela autora como sendo do gênero masculino. Na tradução, porém, a referência é alterada para o gênero feminino: enfermeira. Existem especialidades profissionais que são discursivamente construídas como sendo estritamente masculinas ou femininas – a enfermagem é um exemplo do segundo caso, pelo menos no Brasil. Esse pré-conceito é constituído historicamente. Segundo Costa (2002), na década de 1930, “a enfermagem deveria se tornar uma profissão ‘nobre’, destinada a mulheres ‘de família’ e interessadas pelo saber científico” (s/p). O sujeito-tradutor se identifica com esse discurso e, para não causar estranheza às leitoras, traduz “nurse” como sendo uma enfermeira, e não um rapaz, como está no contexto de partida: “*a young man* (a trained *nurse* from the nearest city)” (PP, p.117, itálicos nossos) é traduzido como “*uma jovem enfermeira*, contratada na cidade próxima” (PL, p.89, itálicos nossos). Os exemplos mostram restrições às possibilidades de sentidos, sendo que Lobato intervéem pela sua filiação a discursos hegemônicos, que passam também pela identificação do sujeito com uma FD capitalista, bem como com uma FD sobre as mulheres. Os exemplos mostrados também demonstram o recurso do didatismo, pois as leitoras estariam entrando em contato com instruções comportamentais (nos casos apresentados, na forma da identificação/assimilação a discursos instituídos).

*Os desabaços de Lobato*

Outra característica presente nas traduções de Lobato é o que Mendes (2002) chamou de “desabaços lobatianos”, que se referem a trechos em que o sujeito-tradutor intervém no texto inserindo sua própria opinião sobre questões políticas do Brasil. Como já comentado, Lobato foi muito atuante nas causas brasileiras, o que incluía a exploração do petróleo e a siderurgia, e sua luta perpassou seus escritos. Assim como Mendes (2002), Campos (2004) e Mello (2010), também encontramos exemplos desses desabaços.

Na passagem “‘Yes, but *some folks* don’t want to be revolutionized’, smiled Pollyanna” (PGU, p. 188, *itálicos nossos*), algo que era parcial na tradução é transformado de modo a produzir sentidos que sugerem uma total negação em relação à revolução, tomando o Brasil como contexto. O objeto da revolução deixa de ser “algumas pessoas” para ser “o mundo”, que pode ser entendido como o contexto brasileiro: “– Mas *ninguém* deseja ver *o mundo* revolucionado, sorriu Pollyanna.” (PM, p.162, *itálicos nossos*). Sustentamos que essas modificações não são fruto da fala da personagem Pollyanna, tampouco das filiações discursivas da autora Eleanor Porter, mas sim do ativista Monteiro Lobato, que utiliza seu trabalho tradutório (e autoral) para movimentar e veicular posturas ideológicas próprias na tentativa de suscitar mudanças na sociedade brasileira. O pronome indefinido “ninguém” pode ser interpretado em referência ao governo do Brasil, o qual Lobato considerava retrógrado ao não reconhecer e apoiar a causa do petróleo.

Outro exemplo interessante é a ampliação do sentido de “real poverty”, que em “For the first time in her life Pollyanna had come face to face with real poverty”. (PGU, p. 108) foi traduzido por “Pela primeira vez na vida dava de cara com a pobreza – com a *pobreza, real, profunda, completa*” (PM, p. 91, *itálicos nossos*). A pobreza a que o tradutor se refere e que se torna maior e mais intensa que a do texto de partida é a pobreza do Brasil, o que é materializado no texto da tradução pelo acréscimo dos adjetivos “profunda” e “completa”. Temos o sujeito-tradutor se marcando e a seu contexto no fio do discurso. A crítica, na tradução, é à miséria que Lobato vê no Brasil, que o incomoda e contra a qual ele tanto queria lutar.

Os exemplos demonstram a inserção dos desabafos políticos de Lobato também em traduções de obras infanto-juvenis destinadas ao público feminino, significando que a luta por um Brasil melhor não estava restrita ao público masculino. Essa postura, a nosso ver, indica uma contraidentificação do sujeito com os dizeres hegemônicos de uma FD sobre política, cujos sentidos postos em circulação desconsideravam a importância da mulher para o país.

### **Considerações finais:**

As traduções parecem adequadas ao objetivo da *Nova Biblioteca das Moças*, com todas as implicações dessas condições de produção. Porém, não se deve perder de vista que Pollyanna mantém atitudes que não se conformam aos padrões esperados para sua época e as quais não foram omitidas ou suavizadas por Lobato. Máximo (2004) chega a considerar a Pollyanna de Lobato mais espontânea, questionadora e irreverente que a personagem de Porter. Em nossa análise, sustentamos haver também uma inserção de valores divergentes. É altamente relevante salientar que Lobato inclui os seus desabafos de caráter político em uma tradução destinada ao público feminino. Logo, em certa medida, não apenas os “homens e livros”, mas também as meninas e moças faziam parte do projeto lobatiano de desenvolvimento do país. Por fim, tentamos mostrar como o sujeito tradutor oscila entre assimilação e resistência, demonstrando como os processos discursivos ocorrem no espaço das tensões.

### **Referências**

- CAMPOS, Giovana C. *For Whom The Bell Tolls, de Ernest Hemingway, e suas traduções no contexto brasileiro*. 2004 – Dissertação (Mestrado em Letras) ICHL, UFJF, Juiz de Fora, 2004.
- BARRIE, J.M. *Peter Pan*. Trad. Monteiro Lobato. Cia. Editora Nacional: SP, 1930.
- COSTA, L. *et al.* A Enfermagem no Brasil dos anos 30: discursos sobre a identidade de enfermeiras. In: *Salão de Iniciação Científica*. p. 875. Porto Alegre: UFRGS, 2002. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/60342/000350376.pdf?sequence=1>> Acesso em agosto de 2015.

INDURSKY, F. Formação discursiva: ela ainda merece que lutemos por ela? In: INDURSKY, F. e FERREIRA, C. L. (orgs). *Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos: Claraluz, 2007, p. 163-172.

KIRCHNER, C. Leituras e leitores da coleção Biblioteca das Moças. In: VII Congresso Brasileiro de História da Educação, 2013, Cuiabá. p. 1-3. Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/>>. Acesso em: junho de 2014.

KOKKOLA, L; HARDE, R. Glad to be 100: the making of a children's classic. In: KOKKOLA, L; HARDE, R. (Ed.) *Eleanor H. Porter's Pollyanna: a children's classic at 100*. Jackson: University of Mississippi, 2014, p. 3-24.

LOBATO, Monteiro. A Barca de Gleyre – 2º Tomo. In: LOBATO, Monteiro. *Obras Completas de Monteiro Lobato*. v. 12, Rio de Janeiro: Brasiliense, 1955.

MÁXIMO, Gustavo. *Duas personagens em uma Emília nas traduções de Monteiro Lobato*. 2004 – Dissertação (Mestrado em Linguística). UNICAMP, Campinas, 2004.

MELLO, Giovana C. C. de. *Assimilação e resistência sob uma perspectiva discursiva: o caso de Monteiro Lobato*. 2010. Tese (Doutorado em Letras) – PUC-RIO, Rio de Janeiro, 2010.

MENDES, Denise. *Monteiro Lobato, o Tradutor*. 2002. Monografia (Bacharelado em Letras: Ênfase em Tradução – Inglês) ICHL, UFJF, Juiz de Fora, 2002.

MILTON, John. The resistant political translations of Monteiro Lobato. In: *The Massachusetts Review*. v. 47 n. 3, 2006, p. 211-227.

\_\_\_\_\_. The resistant translations of Monteiro Lobato. In: TYMOCZKO, M. (ed.) *Translation and Resistance*. Amherst: Univ. Massachusetts Press, 2010, p.190-210.

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso*. Campinas: Pontes, 2013.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. de Eni Orlandi et alii. Campinas: Unicamp, [1975], 1988.

PORTER, Eleanor. *Pollyanna Grows Up*. New York: Grosset & Dunlap, s/d.

PORTER, Eleanor. *Pollyanna Moça*. Trad. Monteiro Lobato. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1934.

ROBINSON, L. M. "Aggressive femininity": the ambiguous heteronormativity of *Pollyanna*. In: KOKKOLA, L; HARDE, R. (Ed.) *Eleanor H. Porter's Pollyanna: a children's classic at 100*. Jackson: University of Mississippi, 2014, p. 44-57.

VENUTI, Lawrence. *Escândalos da Tradução: por uma ética da diferença*. Trad. Laureano Pelegrin et alii. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

**Resumo:** Este artigo apresenta parte da pesquisa realizada no âmbito do projeto *Tradução, História e Discurso* e aborda a análise de *Pollyanna* e *Pollyanna Moça*, traduções realizadas por Monteiro Lobato em 1934 e publicadas na coleção *A Nova Biblioteca das Moças*. O objetivo do estudo é investigar as estratégias tradutórias de Lobato em uma coleção dedicada a meninas e moças.

**Abstract:** This paper presents part of the research developed in the frame of the project *Translation, History and Discourse*, and analyzes *Pollyanna* and *Pollyanna Moça*, translations carried out by Monteiro Lobato in 1934 and published in the book collection *A Nova Biblioteca das Moças*. This study aims to investigate Lobato's translation strategies within a collection aimed at girls and young women.